G. DE VASCONCELLOS-ABREU

OS CONTOS, APÓLOGOS E FÁBULAS DA ÍNDIA:

INFLUÊNCIA INDIRECTA

NO

AUTO DA MOFINA MÉNDEZ,

DE

GIL VICENTE

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1902

A NOVELÍSTICA DA ÍNDIA

E INFLUÊNCIA NA

MOFINA MÉNDEZ

230

G. DE VASCONCELLOS-ABREU

OS CONTOS, APÓLOGOS E FÁBULAS DA ÍNDIA:

INFLUÊNCIA INDIRECTA

NO

AUTO DA MOFINA MÉNDEZ,

DE

GIL VICENTE

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1902

EM HONRA DE GIL VICENTE

Dios mantenga a vuestra gloria!
Ya veis que estamos aca
muy allegres soncas ha
de vuestra nhueble vitoria.

Gil Vicente, (AUTO PASTORIL CASTELHANO)
Ed. got., 1561, fol. 4, v.

8 de junho de 1902.

AO

DR. JÚLIO DA GAMA PINTO

I

A NOVELÍSTICA É PRODUTO PSICOLÓGICO SOCIAL

A

NOVELÍSTICA INDIANA

E INFLUÉNCIA NA

MOFINA MÉNDEZ

«... il reste à tout le moins au modèle l'insigne honneur de lui avoir servi».

Paul Stapfer, RABELAIS, SA PERSONNE, SON GÉNIE, SON ŒUVRE., 2.ª ed., 390.

I

Os produtos psicológicos têem por base elementos comuns a todo ente de sistema nervoso. A psicologia humana há de necessáriamente, pois, mostrar paridade nas manifestações do operar irreflectido social e da actividade literária anónima de uns e outros povos, ainda que não possa-

mos conhecer entre os produtos laços históricos. Quando porém determinemos a via histórica pela qual certos produtos de criação mais ou menos anónima entraram na fôrça operativa de trabalhos artificiais, cumpre-nos, em tal caso, considerar a arte consciente com que o artista deu realce ao modêlo na obra executada, e o modo por que o conheceu.

Êste é o primeiro elemento da crítica logo que se encontrem as analogias; aquele é o segundo, para a apreciação da obra, que se não é original pelo conceito, fundamento dela, é todavia, como obra de arte, reveladora do talento que a afeiçoou. A concepção pode ser grande; mas se não tiver grandeza de execução, se não for realizada com apresentação correspondente, perde em utilidade, no ponto de vista do aproveitamento material, e no de exemplo moral da beleza.

Nestes casos está a novelística da literatura oral tradicional de diferentes povos, e o aproveitamento que dela haja feito conscientemente um indivíduo.

É grande o tesouro hoje conhecido, ajuntado em povos de cultura de espírito de quilates muito diversos: uns sem tradição escrita, de civilização rudimentar ainda hoje, pelo menos de grau muito inferior; outros, povos com tradição escrita, em cujos monumentos literários e arquitectónicos podemos estudar-lhes as tradições. (Veja-se: *General Cunningham,* STUPA OF BARHUT, *Fergusson,* TREE AND SERPENT WORSHIP, *A. Furtwängler,* VASENCATALOG DER BERLINER MUSEUMS, 1885, e *Albert Grünwedel,* BUDDHISTISCHE KUNST IN INDIEN, 1900, Handbücher der Königlichen Museen zu Berlin, Museum für Völkerkunde). Alguns povos há que chegaram a utilizar as tradições, que por largo tempo correram oralmente no decurso do seu viver social, e as utilizaram na doutrinação e ensinamento; e povos há que, tendo recebido de estranhos as tradições anónimas, as entesouraram como próprias e até lhes deram forma literária consciente e individual de artista responsável.

II

A NOVELÍSTICA ORAL

E

A NOVELÍSTICA FIXADA PELA ESCRITA

Exemplos de povos de cultura rudimentar, cuja novelística correu oralmente nos seus exórdios, é a de todos de quantos possuímos fábulas, contos, apólogos e até adágios. Ainda actualmente existem nessas condições, além de outros povos: os Hotentotes, os Zulos, os Bundos.

São conhecidos os contos e fábulas hotentotes desde 1838, pelos trabalhos de *Sir James Alexander*, «EXPEDITION OF DISCOVERY INTO THE INTERIOR OF AFRICA». Londres. Têem-nos coligido depois outros investigadores, e especialmente é conhecido o número de 42 fábulas e contos que o alemão, *W. H. I. Bleek*, deu à estampa, em Londres: «REYNARD FOX IN SOUTH AFRICA, OR HOTTENTOT FABLES AND TALES», 1864, Trübner & Co. De contos zulos posso apontar a colecção publicada

pelo *Rev. Canon Callaway*, «NURSERY TALES, TRADITIONS, AND HISTORIES OF THE ZULUS, IN THEIR OWN WORDS, WITH A TRANSLATION INTO ENGLISH AND NOTES». Natal. Possuo únicamente o 1.º vol., 1866-68. De Angola cito a colecção apresentada a público pelo meu amigo *Héli Chatelain*, «FOLK-TALES OF ANGOLA», Houghton, Miffling & Co., Cambridge, Mass.

De povos de cultura elevada temos:

a) Contos do Antigo Egipto, de mais de 3000 anos antes da nossa era, trazidos a lume pelos esforços de homens de ciéncia, tais como *Rougé, Goodwin, Chabas, Golemischef, Revillout*, e de que cito aqui a colecção traduzida em francês por *Maspero*, «LES CONTES POPULAIRES DE L'ÉGYPTE ANCIENNE», Paris, Maisonneuve, 1889, 2.ª ed., e a colecção em inglês por *Flinders Petrie*, «EGYPTIAN TALES TRANSLATED FROM THE PAPYRI», First Series: IVth to XIIth Dynasty, Second Series: XVIIIth to XIXth Dynasty, London, Methuen & Co., 1895-1899;

b) Fábulas de Esopo, que, já na antiguidade grega, Sócrates recitava dando-lhes feição artística em verso; conhecidas e clássicas no estudo de humanidades, comentadas por bons helenistas, acomodadas ao ensino do grego que se ministra nas escolas; as fábulas de Bábrio; e devemos aqui mencionar as latinas, em versos jámbicos, de Fedro;

c) Fábulas, apólogos e contos, da Índia, de que adeante se dirá;

d) Fábulas e contos da China, cujo conhecimento veio à Europa muito modernamente, por trabalhos de *Stanislas Julien*, «CONTES ET APOLOGUES INDIENS INCONNUS JUSQU'À CE JOUR, SUIVIS DE FABLES ET DE POÉSIES CHINOISES», Paris, Hachette et Cie, 1860, de *N. B. Dennys*, «THE FOLK-LORE OF CHINA», London, Trübner & Co., 1876;

e) Fábulas e contos árabes, de que são muito conhecidas as «FÁBULAS DE LOCMAN», ainda há pouco vertidas em português e parafraseadas em versos hebraicos pelo meu amigo *José Benoliel*,

«Fábulas de Loqman», Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, e «As Mil e Uma Noites», conhecidas por mim (e quantos mais), desde a infância, por narração oral e mais tarde por leitura, em tradução portuguesa;

f) Novelística europeia, nestes últimos tempos estudada tão proficiente e profícuamente na Alemanha, na Rússia, na Inglaterra, na Itália, em França, etc., e cujos investigadores mais notáveis em Portugal têem sido: os meus amigos *Dr. Francisco Adolfo Coelho,* e *Zófimo Consiglieri Pedroso.*

III

A NOVELÍSTICA INDIANA: DIFUSÃO, CARÁCTER, PRINCIPAIS TEXTOS

Os contos, apólogos e fábulas da Índia propagaram-se pelo Oriente: Sião, China, Japão, Mongólia, Tibete, etc.; e pelo Occidente: Pérsia, Arábia, e por toda a Europa. Foi conhecida a novelística indiana na Europa por via indirecta, para nós a mais interessante, e por via directa posteriormente. Trouxeram-na por via indirecta oral as invasões mongólicas, o comércio e as cruzadas, e literáriamente os Árabes, e, em tempo moderno, livros chins. A via directa é moderna e é toda literária: é devida ao estudo do sámscrito e do páli. A via indirecta deparou-se-nos logo bem rasgada pela tradição, que até nós chegou trazida, na Idade-Média, muito notóriamente por livros árabes e judai-

cos; depois, no século XIX, o estudo de livros chins trasladados a francês por *Stanislas Julien* (Paris, Hachette e Cie, 1860) deu conhecimento de apólogos búdicos denominados *avadanas*, avadāna em sámscrito, apadāna em páli, *i. e.*, «Gestas (de Buda)». *Vide* adeante.

A difusão directa e indirecta, por todo o Mundo, começou antes da nossa era e continuou até os nossos dias (mormente na Europa). Têem escrito acêrca da novelística indiana e discutido a analogia e paridade dela com a grega e a europeia da Idade-Média, a dependéncia mútua e independéncia respectiva, homens doutíssimos, de entre os quais são geralmente conhecidos: *Silvestre de Sacy, Loiseleur Deslongchamps, Benfey, Weber (Albr.), Oesterley, Max Müller, Fausböll, Rutherford, Rhys-Davids, Marcus-Landau, Bickell, Keith-Falconer, Léon Feer, Morris, Cowell, Chalmers, Rouse, Guidi, J. Derenbourg, H. Regnier, Gaston Paris, Kern, Barth, Joseph Jacobs,* e *Joseph Bédier.*

Nem da Grécia, nem do Egipto, nem de outra nação possuímos tão vasta literatura novelística como da Índia antiga. Em parte nenhuma esta literatura tem, como na Índia, a continuidade histórica e feição tão adequada ao carácter do povo a que ela pertence.

A via directa, pela qual temos conhecimento da novelística indiana, é de textos em páli (JÁTACAS) e de textos em sámscrito (poucos na CHANDÓGUIA-UPANIXADA, muitos no MAHÁ-BÁRATA, exclusiva e notóriamente no PANCHATANTRA, HITOPADEXA, e «MAR DOS RIOS DOS CONTOS», além de outros textos).

Játaca, GĀTAKA em páli e em sámscrito, significa «nascimento, natividade»; e diz-se especialmente do nascimento de Buda em tempos anteriores ao da sua última vinda ao Mundo. Por Játacas (Os Játacas) se entende a colecção de histórias de Buda nesses tempos antigos, pois játaca «nascimento» e avadana «gesta, feito ilustre», são nomes com que se designam os contos que referem pas-

sos da vida de Buda, seus feitos, doutrina exposta por parábolas e apotegmas, circunstâncias e lugar dos factos, para se tirar da «lenda e narrativa» todo o «proveito e exemplo». (Veja-se o que diz *Léon Feer*, AVADÂNA-ÇATAKA, *in* ANNALES DU MUSÉE GUIMET, tômo XVIII, a pág. IX-XII).

Encontram-se os játacas em livros canónicos do Budismo, que em páli se chamam PIṬAKA (no plural diremos *pítacas*, *i. e.* «cestos»; acêrca da origem desta denominação veja-se *V. Trenckner*, PALI MISCELLANY, I, 67-69, com o qual concordam *Rhys-Davids* e outros palistas; deve entender-se «tradição transmitida como o cesto que se atira e passa de mão para mão»). São os *pítacas* as declarações de Buda, o seu *testamento* aceito e transmitido pelos discípulos e apóstolos da sua doutrina e ensinamento, como é *testamento* o que nos ficou de Cristo. Estão coligidos os játacas em obra volumosa (6 volumes e 1 de índice, em 8.º), trazida a lume por Fausböll

(1877-90). Na tradução de muitos se tem exercitado a diligéncia de escolares distintos. Dois pelo menos dêsses pítacas datam do século IV antes da era cristã. Mas as lendas dos játacas são em grande parte de época anterior a Gótama (ou Gáutama), o Buda, *i. e.*, «o iluminado, o sábio», e portanto anteriores ao século V antes da nossa era. Foram aproveitadas essas lendas no doutrinamento búdico por meio de parábolas e apotegmas, tal como é atribuído ao mesmo Buda e aos continuadores que prègaram a doutrina do Mestre.

Tornaram-se portanto os apólogos, as parábolas, as fábulas, os contos, de maior popularidade. Escreveram-se livros de moral, de «proveito e exemplo», o mais divulgado dos quais é o que em sámscrito tem o nome de PAÑKATANTRA *(Panchatantra)*, *i. e.*, «Cinco secções *ou* livros (de contos, apólogos, etc)».

IV

BASE PRIMORDIAL DA NOVELÍSTICA DA IDADE-MÉDIA EUROPEIA

A crítica filológica ensina que a obra conhecida hoje pelo nome de Panchatantra é como que fragmento de outra, em doze secções ou livros, tão afamada como repositório da sabedoria dos Índios, que, no século VI da nossa era, Cósroes Nuxirvan ordenou que ela fosse dada em pélevi, língua literária da sua côrte. Foi Barzoi (em grego escreveu-se Περζοέ), médico do rei sassánida (531–579), quem por obediéncia a trasladou ou imitou e acrescentou. (Veja-se *Albirúni*, cap. XIV, no fim; na trad. de *Sachau*, ALBERUNI'S INDIA, pag. 159; veja-se mais nesta ed. pág. XXXIII).

Na corrente indiana derivada dêste manancial se filia a melhor parte da dicacidade e descomedimento, ao mesmo

tempo graça e observação natural, que tanto caracterizam a literatura faceta, sarcástica, pungente, desenvolta, licenciosa por vezes, todavia grave, melancólica, outras vezes, ou viva e forte, da Idade-média. Exemplos são: *Chaucer, Shakspere, Boccacio, Straparola, Doni, Firenzuola,* o *conde Eberhard, Rabelais,* e muito depois *La Fontaine,* e na nossa península principalmente *Dom João Manuel* e o portuguesíssimo *Gil Vicente.*

A obra de Barzoí perdeu-se; conhecemo-la apenas por duas traduções, uma siríaca, do ano 570, outra árabe do ano 750, das quais se dirá no § v. Perdeu-se também a obra em sámscrito de que Barzoí tirou o texto em pélevi; nem o título lhe conhecemos. Mas, comparando aquelas duas traduções, siríaca e árabe, com o Panchatantra actual, vê-se que podemos dizer que: a base primordial da novelística da Idade-Média está no Panchatantra.

V

VIA HISTÓRICA PELA QUAL A NOVELÍSTICA INDIANA VEIO PARA A EUROPA

Da versão pélevi derivaram numerosas traduções. Digamos de duas: uma em siríaco antigo, no ano de 570, outra em árabe, cêrca do ano de 750. Ambas têem, cada uma em sua linguagem, o título de CALILA E DIMNA. A versão árabe é para nós de interêsse absoluto. Foi seu autor *Ruzbé* ou *Abdalá ben Almocafa,* Persa convertido ao Islamismo, cuja vida decorreu no tempo do califa Almançor, e cuja morte foi aí por 760. É a versão conhecida mais geralmente pelo nome de FÁBULAS DE BIDPAI ou FÁBULAS DE PILPAI.

O nome de *Calila* (Kalilag em siríaco, com forma persa antiga; Kalīlah em árabe), e o nome de *Dimna* (Damnag, siríaco; Dimnah, árabe) correspondem aos nomes em sámscrito Ka-

ratáka, Damanaka *(Carátaca, Damánaca)*. São estes os de dois chacais que figuram proeminentemente no primeiro tantra ou livro dos cinco do Panchatantra; quem primeiro identificou estes nomes foi *Ch. Wilkins*, em a nota de pag. x da tradução (a primeira que se deu em linguagem europeia) do Hitopadexa, em 1787. Veja-se *Benfey*, na introdução escrita na obra de *Bickell*, KALILAG UND DAMNAG, pág. XLIII-IV, nota, e confronte-se com a pág. XXXI de THE FABLES OF BIDPAI, de *J. Jacobs*.

Os nomes de Bidpai, Pilpai provêem do nome siríaco Bid-Vag, e árabe Bid-Bah; e ambos estes são reflexos do sámscrito (*Vidiá-pati*) Vidjā-pati «senhor da vidiá, *i. e.*, sabedoria». Vidiápati é nome comum, mas no Panchatantra nome próprio do pándita ou sabedor da côrte do rei índio, que, como David recebia de Natan, recebia do bráhmane ensinamento por parábolas, apólogos, fábulas, contos, e apotegmas tirados do saber antigo.

A tradução árabe foi passada a siríaco (século X ou XI), a grego (1080), a persa (*c.* 1120), a hebraico (uma das traduções é do século XIII), a castelhano (*c.* 1251). A versão persa influíu indirectamente na Europa, depois de ter sido ainda refeita em persa e correr com o nome de LUZ DA ESTRÊLA CANOPO, e de ter sido esta lição traduzida em turco e correr com o nome de LIVRO IMPERIAL. Êste texto influíu depois na Europa pela tradução que dêle fizeram em francês *Galland* em parte (1725), e no restante *Cordonne* (1778). É a obra conhecida como FÁBULAS OU CONTOS DE BIDPAI (CONTES DE BIDPAÏ). Das versões hebraicas uma é de um rabino *Joel;* não lhe sabemos a data. A versão castelhana é atribuída a *D. Afonso, o Sábio,* (CALILA É DYMNA, dada à estampa por *D. Pascual de Gayangos,* Madrid 1859); porém *Joseph Jacobs* (*in* JEWISH CHRONICLE, 3 de junho, 1885; confronte-se *in* THE FABLES OF BIDPAI, Bibl. de Carabas, pág. XXV, do mesmo J. Jacobs) atribui o trabalho em castelhano ao

corpo de judeus tradutores de obras científicas árabes, criado por D. Afonso em Toledo.

A versão hebraica de Joel foi passada a latim por *João de Cápua* em 1270, e o nome é DIRECTORIUM VITAE HUMANAE, ALIAS PARABOLA ANTIQUORUM SAPIENTUM (dado à estampa por *J. Derenbourg*, Paris 1887-89).

São estas versões—a castelhana, de D. Afonso o Sábio, e a latina, de João de Cápua—as principais que deram reflexo de luz indiana, vinda do Panchatantra, à novelística da Espanha. Outro texto, porém, veio à nossa península trazer-lhe não só contos e apólogos búdicos, mas a lenda do próprio Buda e doutrina búdica. É êste texto a célebre LENDA DOS SANTOS BARLAÃO E JOSAFATE. Não tem ela importância imprescindível para o assunto que tratamos relativo a Gil Vicente; mas no tocante à novelística indiana é de interêsse capital. Dá-se aqui apenas um brevíssimo resumo do que ela seja; e notemos que o ponto de par-

tida do texto, de que vamos falar sucintamente, é ainda a côrte dos sassánidas, a língua originária o pélevi, e o século o mesmo em que Barzoí foi à Índia em demanda do livro em que se continha a sabedoria dos Índios.

VI

A LENDA
DOS SANTOS BARLAÃO E JOSAFATE

No século VI da nossa era, na parte do império sassánida, fronteira da Índia, a Báctria antiga, o actual Afganistão, disputavam primazias três religiões: o Zoroastrismo, o Budismo e o Cristianismo. A preponderante era o Zoroastrismo, mas os prosélitos feitos pelas outras duas religiões cresciam em número e qualidade. Budistas e cristãos apostolavam por obras e escritos. Na língua literária da côrte dos sassánidas, o pélevi, escreveram os budistas um livro da vida de Buda intitulado LIVRO DE IUDASAF. Está hoje demonstrado que êste nome de *Iudasaf* corresponde ao sámscrítico Bodhisattva (Bodisátua) cuja significação é «da natureza da bódi», e cujo emprêgo é, como qualificativo, próprio da designação de «aquele que pos-

sui a *bódi*, o saber, as qualidades da bódi, *i. e.*, sabedor iluminado, aquele que chegou ao estado santo necessário para ser Buda», e designa um «futuro Buda».

Os cristãos, vendo que êste livro se tornava extraordináriamente popular, entenderam que seria conveniente dar-lhe feição cristã. Adaptaram ao Cristianismo a tradição búdica, e aproveitaram do livro parábolas, apólogos e fábulas, que o enriqueciam e lhe davam aura popular, tão necessária a favor da luta, em que se empenhavam para vencer os adversários. Mas, porque seja oposta à doutrina cristã a búdica de que o homem pode chegar ao conhecimento das mais sublimes verdades só pelo esfôrço próprio, os cristãos inventaram um intermédio que tocasse com a unção e graça divina Iudasaf. Foi êsse intermédio um suposto *Belauhar* que na lenda cristianizada é quem doutrina o pagão Iudasaf.

Escrito em pélevi o Livro de Iudasaf e Belauhar, foi êste depois trasladado a

siríaco, e, na tradução, mais cristianizado. Do siríaco foi vertido para arménio, e georgiano, e serviu assim de base á tradução grega, feita por um certo João, de Sam Saba, laura próxima de Jerusalém. Êste nome de João concorreu muito para que a versão grega fosse atribuída à pena de S. João Damasceno, o qual exercera alto cargo na côrte do califa Almançor, no século VIII, e portanto dois séculos depois de o livro originário ter servido já no apostolado búdico.

A 1.ª edição do texto grego é a de *Boissonade* nas Anecdota Graeca, Paris, 1829 sgs., vol. IV, reimpressa na Patrologia Graeca, de *Migne*, tômo XCVI. Traduções estimadas são: lat. século IX, *ut infra*; franc. de *G. Jean de Billy*, Histoire de Barlaam et de Iosaphat, etc., Paris, 1574; alemã de *Felix Liebrecht*, Des heil. Joh. v. Damascus Barlaam und Iosaphat, 1847. Confronte-se com o texto grego a crítica feita por *Schubart*, Wiener Jahrbücher, vol. LXIII.

Epítome tirado da versão latina é o do século XIII: é de *Vicente de Beauvais* ou *Vicentinus Bellovicensis*, no SPECULUM HISTORIALE (Estrasburgo, 1473). Outro é o epítome escrito por *Jacob de Voragine*, que se lê na LEGENDA AUREA, do século XIII, e cuja edição mais estimada é a de Paris, 1475. Seguiram-se outros resumos; assim em: VITAE PATRUM (de *Rosweydi*, 1517, pág. 186 sgs.), FLOS SANCTORUM, etc.

Alguns resumos apareceram também logo então em português. Publicámos um, em 1898, por ordem da Academia Real das Ciências; o manuscrito donde o tirámos a lume é do códice 266 da Tôrre do Tombo, o qual pertenceu ao Mosteiro de Alcobaça. Julgamos que seja do século XIV-XV. Infelizmente faltam nestes resumos os apólogos, as fábulas, que tanto perfume dão ao texto grego.

A versão latina, BARLAAM ET JOSAPHAT, no século IX, foi tirada dêste texto por *Anastasius Bibliothecarius*, e impressa

três vezes no século XV. Deu a tradução castelhana de *Solorzano*, em 1608, e esta foi a base do drama de *Lope de Vega*, BARLAN Y JOSAFÁ, e do drama de *Calderon de la Barca*, LA VIDA ES SUEÑO.

As CONFISSÕES, de *Tolstoi*, prendem-se aos textos eslavos provenientes do mesmo texto grego.

Quanto à Igreja, Buda, com o nome de Josafate, ficou tido como santo, cujo dia está marcado nas Vidas dos Santos a 27 de novembro. Veja-se por exemplo VIE DES SAINTS, do Padre da Companhia de Jesus, *Jean Croiset*, vol. II, pág. 705 sgs., edição de Lyon, 1702. Veja-se o que diz *Henry Yule*, na obra magistral THE BOOK OF SER MARCO POLO THE VENETIAN, 1874, II, pág. 308: «in Palermo is a church bearing the dedication *Divo Josaphat*». *Max Müller* e outros têem dado a Laboulaye (1859) a honra de ter sido êste quem primeiro identificou a lenda de Josafate com a de Buda. O coronel Yule porém fez-nos, a

nós Portugueses, a justiça de os corrigir, demonstrando que muito antes já o nosso Diogo do Couto (DECADAS DA INDIA, V, livro VI, cap. 2) assentara a identidade *(l. l.)*. Tão sómente, como era natural, o cronista português julgou ser a lenda indiana de origem cristã. A lenda, na forma mais antiga hoje conhecida, encontra-se no LÁLITA VISTARA e nos JÁTACAS. (Veja-se a tradução feita do tibetano por *Ph.-Ed. Foucaux,* HISTOIRE DU BOUDDHA SAKYA MOUNY, Paris, Duprat, 1860, cap. VI sgs., especialmente cap. VII, pág. 105 sgs., cap. XIV, pág. 180 sgs., e cap. XV; e nova edição *in* ANNALES DU MUSÉE GUIMET, vol. VI. Veja-se mais: *H. Clarke Warren,* BUDDHISM IN TRANSLATIONS, Cambridge, Mass., 1896, pág. 48 sgs., 56 sgs. *Rhys-Davids,* BUDDHIST BIRTH STORIES, London, Trübner & Co. 1880, pag. 58 até 78. *Oldenberg,* BUDDHA, 2.ª ed. al., pág. 104 sgs., todo o cap. II. Confira-se com isto, TEXTO CRÍTICO DA LENDA DOS SANTOS BARLAÃO E JOSAFATE, Lisboa, Academia Real das Ciéncias,

1898, pág. 5 a 8, linha 6; e como críticas filológicas mais notáveis do texto grego da «Lenda»: NOTICE SUR LE LIVRE DE BARLAAM ET JOASAPH de *H. Zotenberg,* 1886; BARLAAM UND JOASAPH de *Ernst Kuhn,* 1893; artigo de *Gaston Paris* em «La Revue de Paris», 1895, 1.º de junho; BARLAAM AND JOSAPHAT, de *Joseph Jacobs,* 1895, e acêrca dêste a crítica no «Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland», abril, 1896; THE STORY OF BARLAAM AND JOASAPH, de *Macdonal,* Calcutta, 1895; o artigo de *F. C. Conybeare,* junho, 1896, «Folk-Lore»; o artigo de *F. de Haan,* nas «Modern Language Notes», janeiro, 1895; veja-se a notícia dada por *Menéndez y Pelayo,* «Revista crítica de Historia y Literatura Españolas», abril, 1895; *H. Zotenberg und Paul Meyer,* BARLAAM UND JOSAPHAT FRANZÖSISCHES GEDICHT DES DREIZEHNTEN JAHRHUNDERTES VON GUY DE CAMBRAY NEBST ANZÜGEN AUS MEHREREN ROMANISCHEN VERSIONEN, *in* «Bibliothek des Li-

terarischen Vereins», Estugarda, 1864; ZUM BARLAAM UND JOSAPHAT DES GUI VON CAMBRAI, *Arnold Krause,* Berlim, 1899. *Vide*, quanto aos nomes Josafate e Avenir (pai de J.), *Ernst Windisch,* MĀRA UND BUDDHA, 211, 303).

VII

TEXTOS COM QUE DEVEMOS DE CONFRONTAR O AUTO DA MOFINA MÉNDEZ

Antes de ser dada em castelhano a versão árabe do Calila e Dimna, era já conhecida em Espanha no século XI. Refere-se a ela, no comentário que escreveu ao Pentateuco, *Iehu ben Biteam,* gramático e exegeta que vivia em Sevilha (*Derenbourg*). As relações de Portugal com a Espanha eram de molde para se conhecer aqui a tradição oriental, que já então corria entre os nossos vizinhos. Um príncipe espanhol, homem de tão boa espada como boa pena, imitava em obra estimada o Calila e Dimna; foi êle o famoso D. João Manuel, sogro de D. Pedro I, de Portugal, e pai de D. Henrique Manuel, o irmão de D. Constança, com a qual D. Pedro casara. Acolheu-se a Portugal D. Henrique, e conde foi aqui de

Seia e de Sintra e senhor de Montalegre e de Cascais.

A obra de *Dom João Manuel* a que me refiro é o LIBRO DE PATRONIO ou CONDE LUCANOR; é um tesouro de exemplos, ameno de assunto e agradável de forma, que o tornaram mui popular. Nele se encontra o apólogo, que o nosso Gil Vicente converteu no episódio da Mofina Méndez, de que o auto de «Os Mistérios da Virgem», como o poeta lhe chamou, tirou o nome com que veio a correr no mundo literário. Existia o texto já na Livraria de Dom Duarte, como se vê do *Livro do Cartuxa de Evora* (MS. da Bibliot. Nac. de Lisboa, L-6, 45; no fólio 164 lê-se a designação «Titulo dos Livros de lĩgvagem do Claro Rey D. Duarte», e no fólio 165, «O Livro do Conde Lucanor»).

No século XV era tão conhecido o apólogo que andava já em forma de prolóquio; e dêle se serve como de adágio *Rabelais* (GARGANTUA, cap. XXXIII), comparando o mau resultado de empreendimentos feitos no ar, à farça da bilha de leite da estouvada. *Lope de Rueda* escreve depois (século XVI) um entremez cuja base é o mesmo apólogo, LAS AZEITUNAS, representado pela primeira vez em 1560. E a Europa reconhece ainda o mesmo apólogo, quando no século XVIII lê AS MIL E UMA NOITES, no conto de Anaxar, Noite 176.

La Fontaine havia então já escrito o formosíssimo poemazinho de LA LAITIÈRE ET LE POT AU LAIT, segundo a obra de *Bonaventure Des Periers*, NOUVELLES RECREATIVES ET JOYEUX DEVIS (séc. XVI).

No século XIII também João de Cápua, Judeu convertido ao Cristianismo, havia dado o apólogo na tradução que fêz, do hebraico para latim, do livro de Calila e Dimna, com o título DIRECTORIUM VITAE HUMANAE, ALIAS PARABOLA ANTIQUORUM SAPIENTUM. João de Cápua não é estranho a Portugueses. Conhecera na Itália o arcebispo de Braga D. Martinho de Oliveira, sucessor de D. Telo (fale-

cido a 23 de março de 1292); ao arcebispo português oferecera obra sua, a versão latina do TAISIR DE AVENÇOR (*Derenbourg*).

Na Biblioteca de Alcobaça havia, além do que deixamos dito haver ali, obra (Cód. 241, Bibl. Nac. de Lisboa) de outro Judeu converso, *Pedro Afonso,* (séc. XI) autor da DISCIPLINA CLERICALIS, escrita com admirável e sagaz aproveitamento da fabulistica indiana. Êle mesmo escreveu «... ego libellum compegi, partim ex proverbiis philosophorum, et suis castigationibus; partim ex animalium et volucrum similitudinibus, etc.» (pág. 11, col. 2.ª do tômo II da BIBLIOTHECA HISP. VETUS de *D. Nic. Antonio Hispalense,* Madrid, 1788).

Do que fica dito devemos concluír:

Chegara a Portugal a corrente indiana, pelo menos logo em princípios do século XIII e encontramo-la ainda no século XVI. Chegou e demorou-se, trazida, quanto a via literária, indirecta, por livros, de alguns dos quais os autores estavam em

relação com Portugueses; e ocupou lugar nas bibliotecas monásticas, cujos leitores tanto influíram na literatura portuguesa.

No século XV aparece nesta parte da Península o poeta português Gil Vicente. Era homem douto, sabedor de humanidades e como tal estimado; homem lido em obras notórias no seu tempo, delas se aproveitava a ponto de zoilos o alcunharem de plagiário; nas composições cénicas e no desempenho delas era tal que Erasmo disse que êle era o melhor imitador de Plauto. Natural é pois encontrar-se em Gil Vicente o aproveitamento de obras estimadas, que haviam dado à literatura europeia tão singular feição na Itália, em França, em Inglaterra, em Espanha.

E na verdade, o AUTO DA MOFINA MÉNDEZ, comparado com passos do CALILA É DYMNA, do DIRECTORIUM, e do LIBRO DE PATRONIO ou CONDE DE LUCANOR, mostra-nos que Gil Vicente conheceu estes dois textos. Mas nem por isto merece cen-

sura que não houvessem merecido Boccacio, Rabelais, D. João Manuel, e não mereçam outros que depois dêle vieram e a cujas obras, de uns e outros, a corrente indiana deu primores delicados, assim por exemplo às de La Fontaine.

VIII

PASSOS DA MOFINA MÉNDEZ DEVIDOS À NOVELÍSTICA INDIANA

Os passos do Auto da Mofina Méndez, em que Gil Vicente imitou os textos que ficam citados, são a *fala do Frade*, com que abre o auto, à maneira de prólogo ou prègação, e *as cousas que diz Mofina Méndez com o pote de azeite à cabeça, e andando enlevada no baile.*

Arrenega o frade de quem julga adivinhar o futuro:

> «Dizem nam vos enganeis
> letrados de rio torto,
> que o por vir não no sabeis
> e quem nisso quer por peis
> tem cabeça de minhoto».
>
> (Fol. xx *v.*)

e mais adeante põe o exemplo do marido fátuo que, antes do filho nascido, já

cogita em que há de ser filha ou filho varão e com quem se parecerá:

«se tẽs prenhe tua molher
e per ti o composeste,
queria de ti entender
em que ora ha de nacer
ou que feyções ha de ter
esse filho que fizeste.
Não no sabes, quanto mais
cometerdes falsa guerra
presumindo que alcançaes
os secretos divinaes
que estam debaixo da terra,»
(Fól. xx *v* a xxi).

Tudo isto vem a propósito de se condenar o sandeu, que, por conjecturar de cousas futuras, perde os bens presentes. Com igual intuito nos apresentam o fabulista do Calila e Dimna e o Directório o marido que se alegra de ver grávida a mulher a quem julgava estéril, o que seria para êle condenação de seus pecados, — como diz Gil Vicente:

«Se filhos aver nam podes,
nem filhas por teus peccados,
.....»
(Fól. xxi, col. 1.ª).

Dito isto pelo frade, anuncia êle *a obra de devaçam* que vai ser representada Os Mysterios da Virgem. Esta parte é estranha ao Calila e Dimna, ao Directório e ao Livro de Patrónio. Mas naqueles dois textos para confirmação da sã doutrina de não se dever falar daquilo que se ignora, nem tentar descobrir as obras futuras de Deus, conta a mulher grávida ao marido a História do eremita sôbre quem se entornou o pote do mel (= pote de azeite, no Auto da Mofina Méndez).

IX

CONFRONTO COM O CALILA E DIMNA

Lê-se no CALILA É DYMNA (pág. 57, ed. de *Gayangos*):

Dicen que habia en una tierra un religioso, et habia una mujer que estovo gran tiempo que non se empreñó, et hóbose al fin de empreñar, por lo cual el religioso fué muy alegre é dijo á su mujer: Alégrate, que fío por Dios que parirás fijo varon, complido de sus miembros, con que nos alegremos é nos aprovechemos; et yo quiero ir buscar ama que lo crie, é visitar á los sábios para que me digan el nombre que le tengo de poner. Dijo la mujer: ¿Quien te pone en fablar en lo que non sabes si será ó non? Cállate, é sei pagado de lo que te Dios diere; que el home entendudo nom asma las cosas non ciertas, nin judga las aventuras; ca el querer et el asmar en solo Dios es, et quien judga las cosas ante que sean, acaéscele lo que acaesció al religioso que vertió la manteca é la miel sobre su cabeza.— Dijo el religiozo: ¿Como fué eso?

Del religioso que vertió la miel et la manteca sobre su cabeza

Dijo la mujer: Dícen que un religioso habia cada dia limosna de casa de un mercador rico, pan é manteca é miel et otras cosas, et comia el pan é lo ál condesaba, et ponia la miel é la manteca en una jarra, fasta que la finchó, et tenia la jarra colgada á la cabecera de su cama. Et vino tiempo que encareció la miel et la manteca, et el religioso fabló un dia consigo mismo, estando asentado en su cama, et dijo assi: Venderé cuanto está en esta jarra por tantos maravedís, é compraré con ellos diez cabras, et empreñarse-han, é parirán, á cabo de cinco meses; et fizo cuenta de esta guisa, et falló que en cinco años montarian bien cuatrocientas cabras. Desí dijo: Venderlas-he todas, et con el precio dellas compraré cien vacas, por cada cuatro cabezas una vaca, é haberé simiente é sembraré con los bueyes, et aprovecharme-he de los becerros et de las fembras é de la leche é manteca, é de las mieses habré grant haber, et labraré muy nobles casas, é compraré siervos é siervas, et esto fecho casarme-he con una mujer muy rica, é fermosa, é de grant logar, é empreñarla-he de fijo varon, é nacerá complido de sus miembros, et criarlo-he como á fijo de rey, et castigarlo-he con esta vara, si non quisiere ser bueno é obediente.—

E él deciendo esto, alzó la vara que tenia en la mano, et ferió en la olla que estaba colgada encima dél, é quebróla, é cayóle la miel é la manteca sobre su cabeza. Et tú, home bueno, non quieras desear é asmar lo que non sabes si ha de ser».

X

A PARÁBOLA
TRADUZIDA DO SÁMSCRITO,
DO PANCHATANTRA

No Panchatantra êste último apólogo é v, 9, na edição dada por Kielhorn e Bühler, Bombaim, 1885; no último fascículo (Dr. Bühler, 3.ª ed.) pág. 56–57. Traduzo-o como se segue:

«Numa certa cidade morava um bráhmane por nome Infeliz-dêle[1], o qual tinha um pote cheio com restos de jantares e com a farinha que recebia de esmolas. Dependurou-o num gancho, por cima do catre em que dormia, e estava sempre a olhar para êle. Então, uma noite, estando a dormir, cuidou: Está bem cheio de farinha êste pote! se houvesse uma fome aínda êle me rendia umas cem rupias! E eu comprava com elas uma cabra e um bode, e, como as cabras parem

---

[1] Em sámscrito Svabhāva-kṛpaṇa, «infeliz (kṛpaṇa) de sua condição (sva-bhāva)». É o mesmo que «mofino». Há nisto mera coincidência.

de seis em seis meses, em fato de cabras se me tornaria o par. Com as cabras comprarei muitas vacas, com as vacas búfalos, e com os búfalos éguas; e com as crias das éguas terei eu muitos cavalos, que vendidos me darão grosso dinheiro, e com o dinheiro terei uma casa de salas nas quatro faces e um páteo ao meio. Virá então a minha casa algum bráhmane que me dê a filha de graças cheia e com bom dote: e dela terei eu um filho; e ao filho porei o nome de Soma-Xárman. Quando êle tiver idade de engatinhar, hei de eu pegar num livro e assentar-me a lê-lo por detrás da estrebaria. Entrementes Soma-Xárman, ao ver-me, descendo do colo da mãe para engatinhar e vir ter comigo, pode correr o risco de ficar debaixo das patas dos cavalos. Então eu, furioso, grito à brahmani: tira daqui o rapazinho! mas ela, afadigada com a lida da casa, não ouve a minha voz e eu levanto-me e dou-lhe um pontapé.

E como estivesse com estas imaginações, de facto deu um pontapé e quebrou o pote e ficou todo branco de farinha.

Por isso digo:

> Quem faz planos irrealizáveis de futuro, fica branco na cama como o pai da Soma-Xárman.

Temos em Portugal um prolóquio singularmente semelhante à «moral» dêste

conto; e é «Agora chora na cama que é sítio quente». Donde veio? não sei. Mas é certo que o prolóquio é quase sempre a forma a que fica reduzido o conto. Assim por exemplo, todos os três prolóquios: «Quem não quere ser lobo não lhe veste a pele», «Por cuidar morreu o burro (*ou* um burro»), «Pelo zurro o burro (recorde-se a sátira de Almeida Garrett contra a Academia R. das Ciências!)», são vestígios da fábula do «Burro coberto com a pele do Leão», a qual se encontra nos seguintes textos: Játacas, n.º 189, (um dos mais antigos; traduzi-o do páli a pág. 262 do tômo II do vol. II do meu CURSO DE LITERATURA E LÍNGUA SAMSCRÍTICA CLÁSSICA E VÉDICA), Avadanas *(ibidem* a trad. fr. de *Stanislas Julien)*, Panchatantra, IV, 5 (ed., *Kielhorn e Bühler)*, Hitopadexa, III, 2 (ed. *Max Müller)*, Esopo (ed. de Lípsia), 141, etc.

Voltemos à Mofina Méndez.

A redacção mais próxima das *cousas que diz Mofina Méndez* é a do mesmo

apólogo dada por D. João Manuel. Dá-la-hemos logo; antes, porém, cumpre-nos transcrever do Directório o trecho respectivo ao que fica dado do Calila e Dimna; porque temos por certo que Gil Vicente não conheceu a tradução castelhana dêste texto, mas conheceu a obra de João de Cápua.

XI

A PARÁBOLA SEGUNDO JOÃO DE CÁPUA

A parábola corre assim (ed. de Derenbourg, pág. 217-219):

«Dicuntur fuisse in quadam civitate viri boni et recti, quorum unus erat heremita bonus et colens deum, cui erat uxor sterilis. In processu vero dierum concepit mulier, de quo gavisus est heremita non modicum, dicens uxori sue: Gaudere et exultare debes, cum nascetur nobis filius qui, deo auxiliante, anime nostre erit restauratio et solacium nostri corporis et cordis, quem regam bona doctrina; et crescet in bonis moribus et fama et magnificabit deus nomen meum in ipso et relinquam post me bonam memoriam de me. Et respondes mulier ait ad eum: Nequaquam loqui debes de eo quod nescis, nec tibi fas est hoc dicere. Quis enim te certificavit, si perperero aut non? et si masculum perperero aut feminam? aut utrum vixerit natus aut qualis erit ratio pueri eiusque distractio? Relinque igitur hec et spera in domino et expecta eius volun-

tatem; nam vir sapiens non debet loqui de his que nescit, nec iudicare temptet opera divina; inutiles enim cogitationes in corde hominis sunt quamplures, consilium tamen domini confirmabitur. Quicumque enim assumit talia verbo loqui accidet ei simile quod accidit heremite cuidam super quem vas mellis effusum est. Et dixit maritus eius: Quomodo fuit hoc? Ait uxor:

Dicitur quod olim quidam fuit heremita apud quemdam regem, cui rex providerat quolibet die pro sua vita scilicet provisionem de sua coquina et vasculum de melle. Ille vero comedebat decocta et reservabat mel in quodam vase suspenso super suum caput donec esset plenum. Erat autem mel percarum in illis diebus. Quadam vero die, dum iaceret in suo lecto, elevato capite, respexit vas mellis quod super caput eius pendebat; et recordatus est, quoniam mel de die in diem vendebatur pluris solito seu carius, et dixit in corde suo: Quando fuerit hoc vas plenum, vendam ipsum uno talento auri, de quo mihi emam decem oves, et successu temporis he oves facient filios et filias et erunt viginti; postea vero, ipsis multiplicatis cum filiis et filiabus in quatuor annis, erunt quatuor centum; tunc de quibuslibet quatuor ovibus emam vaccam et bovem et terram; et vacca multiplicabuntur in filiis, quorum masculos accipiam mihi in culturam terre, preter id quod percipiam de feminis de lacte et lana, donec, non consummatis aliis quinque an-

nis, multiplicabuntur in tantum, quod habebo mihi magnas substantias et divitias, et ero a cunctis reputatus dives et honestus. Et edificabo mihi tunc grandia et excellentia edificia pre omnibus meis vicinis et consanguinibus ita, quod omnes de meis divitiis loquentur. Nonne erit mihi illud iucundum, cum omnes homines mihi reverentiam in omnibus locis exhibeant? Accipiam postea uxorem bonam de nobilibus terre, cumque eam cognovero, concipiet et pariet mihi filium nobilem et delectabilem cum bona fortuna et dei beneplacito, qui crescet in scientia et virtute, et relinquan mihi per ipsum bonam memoriam post mei obitum. Et castigabo ipsum dietim, si mee recalcitraverit doctrine, ac mihi in omnibus erit obediens; et si non, percutiam cum isto baculo, et, erecto baculo ad percutiendum, percussit vas mellis et fregit ipsum, et defluxit mel super caput eius. Hanc protuli parabolam ut de his que nescis nom loquaris. Dicitur enim: Non exulteris de die crastino, quia nescis quid accidet hodie».

XII

DOÑA TRUHAÑA E MOFINA MENDEZ

A parábola de Doña Truhaña no Libro de Patrónio, de Dom João Manuel, é, me parece, a que, própriamente foi o modêlo que serviu a Gil Vicente; é, pelo menos, a mais próxima de quantas conheço e tenho lido. Diz assim (pág. 337 da ed. de Gayangos):

«Señor conde, una mujer fué que habia nombre doña Truhaña, la cual era asaz mas pobre que rica, et un dia iba al mercado, et llevaba una olla de miel en la cabeza, et yendo por el camino comenzó á cuidar que venderia aquella olla de miel, et que compraria partida de huevos, et que de aquelles huevos nascerían gallinas, et las venderia, et de aquellos dineros compraria ovejas, et asi fué comprando de las ganancias que faria fasta que se falló mas rica que ninguna de sus vicinas, et con aquella riqueza que ella cuidaba que habia asmó cómo casaria á sus fijos et fijas, et de cómo iria aguardada

por la calle com yernos et con nueras, et cómo dirian por ella cómo fuera de buena ventura en llegar á tan grand riqueza siendo tan pobre cómo solia ser. Et pensando en esto comenzo á reir com placer que habia de la su buena andanza, et en reyendo dió com la mano en la su cabeza et en su frente, et entonce cayó la olla de la miel en tierra, et quebrióse ...»

Confronte-se na edição de Gonçalo de Argote, Sevilha, 1575, o fólio 57 e verso, de *El Conde Lucanor*.

Do livro de exemplos, de Dom João Manuel, passou êste Exemplo VII para o DIALOGUS CREATURARUM OPTIME MORALIZATUS de *Nicolaus Pergaminus*, no século XIII, corrente já, impresso em gótico, em 1480.

O Plauto português escreveu em naturalíssimos versos, postos na bôca de Mofina Méndez, a quem Paio Vaz deu o pote de azeite:

MOFINA MENDEZ

Voume aa feira de Trãcoso
logo, nome de Jesu,
e farey dinheyro grosso.

Do que este azeyte rẽder
comprarey ovos de pata
que he a cousa mais barata
queu de laa posso trazer:
e estes ovos chocarão,
cada ovo dara hũ pato
e cada pato hũ tostão,
que passaraa de hũ milhão
e meo a vẽnder barato.
Casarey rica e honrrada.
por estes ovos de pata,
e o dia que for casada
sayrey ataviada
com hũ brial descarlata:
e diante o desposado
que mestaraa namorando:
virey de dentro baylando
assi desta arte baylado,
esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina Mẽdez cõo pote dazeyte aa cabeça, e andando enlevada no baylo caelhe e diz Payo Vaz:

PAYO VAZ

Agora posso eu dizer,
e jurar e apostar
ques Mofina Mendez toda.

PESSIVAL

E sella baylava na voda
questaa inda por sonhar
e os patos por nacer
e o azeyte por vender
e o noivo por achar
e a Mofina a baylar
que menos podia ser?

Vaisse Mofina Mendez, cantãdo.

MOFINA MENDEZ

Por mais que a dita mengeite
pastores nam me deis guerra:
que todo o humano deleyte
como o meu pote dazeyte
ha de dar consigo en terra».

FÓL. XXIII *v*.

De quantas imitações e paráfrases conheço do conto, episódio no auto de Os MISTÉRIOS DA VIRGEM, original e exemplo no Panchatantra (v, 9), nenhuma tem sabor tão delicado a não ser LA LAITIÈRE ET LE POT AU LAIT de *La Fontaine*. Vejam-se a pág. 145 sgs. do tômo II de

OEUVRES DE J. DE LA FONTAINE, edição de *Henri Regnier* (Paris, Hachette et Cie, 1884), quais as fontes reconhecidas donde o fabulista francês tirou o apólogo; e leia-se a bem escrita lição de *Max Müller* na CONTEMPORARY REVIEW, 1870, traduzida em francês por *George Perrot* no livro ESSAIS SUR LA MYTHOLOGIE COMPARÉE (Paris, Didier et Cie, 1873, pág. 417 sgs.) Com isto se acrescentará o que deixo dito e se lhe dará lustre.

XIII

CONCLUSÃO.
UM CONTO DA TRADIÇÃO POPULAR DE TRÁS-OS-MONTES

O episódio da Mofina Méndez é um verdadeiro avadana, escrito por Gil Vicente, com a intenção com que o foram os avadanas: para «proveito e exemplo»; e êsse avadana e a fala do frade são a moldura (que vale mais que o painel) em que o poeta encaixilhou o auto de «Os Mistérios da Virgem», para mostrar que deve cada um dar-se por pago do que Deus lhe der, sem conjecturar acêrca do que possa vir. Ambas as partes, a primeira e a última, do auto, são evidentemente a de um todo separado para meter de permeio o auto de «devaçam». O todo é do Calila e Dimna, e Directório, onde têem unidade as duas partes; e de nenhum outro texto.

Se não fosse êste desmembramento reconhecido, poder-se-ia supor que o poeta português se houvesse servido,

para o doutrinamento, de narrativa popular, como Sócrates se serviu de narrativa esópica, a cuja prosa deu forma poética versificando-a. A corrente literária porém estava caudalosa e engrossou muito ainda depois: tal o ímpeto que trazia.

Pude até hoje confrontar o apólogo a que refiro o episódio da Mofina Méndez nos seguintes textos (Veja-se o mapa sinóptico que vai no fim).

Alter Æsopus, fáb., XVI.

Calila e Dimna:
- siríaco, de 570, trad. al., pág. 53.
- siríaco, do século X-XI, trad. ingl., pág. 170.
- árabe, trad. cast., cap. VIII.
- árabe, trad. ingl., pág. 269.

Das buch der byspel, cap. VII.
Directorium Vitae Humanae, cap. VII.
El Conde Lucanor, ex. VII.
Exemplario, cap. VII.
Hitopadexa, IV, 8 (ou 7).
La Fontaine, VII, fáb. X.
Mil e uma Noites, noite 176.
Panchatantra, scr., V, 9.
Panchatantra, tamul, pág. 208, trad. francesa.
Specimen Sapientiæ Indorum, secção VI.

Existe em muitos outros textos: CONTES ET JOYEUX DEVIS, de *Bonaventure Des Periers*, DEMOCRITUS RIDENS, DIALOGUS CRAEATURARUM, ANVAR-I-SUHAILI, DEL GOVERNO DE' REGNI, etc. etc.

Na corrente popular encontra-se também, na novelística, apólogo semelhante, na Europa. É bem conhecida a versão alemã dada pelos *irmãos Grimm*, KINDER- UND HAUSMÄRCHEN, n.º 164. Temos algumas versões em Portugal; reproduzo aqui a que melhor conserva o carácter e a lição, e escrevo-a tal como a ouvi da bôca de uma mulher de Trás-os-Montes, por nome Miquelina, de Águas-Frias, de Monforte, criada ao meu serviço:

«Era uma vez um caçador, e vai um dia foi à caça e viu uma lebre a dormir; e disse assim: Agora é qu'eu t'apanho; e se t'agarro vendo-te e compro um carneiro pequenino; e crio-o; e quando for grande vendo-o; e depois compro um burro; e mais crescido o burro, vendo-o; arranjo casa e caso-me; e hei de ter um filho e hei de por-lhe o nome de Diogo; e depois hei de chamar por êle: Diogo! Diô-ô-ôôôgo!

Diô-ô-ôôôgo! — E vai quando assim gritava, acordou a lebre, e fugiu-lh'a lebre! E o caçador só teve tempo de dizer: Lá se me vai a minha fortuna!»

Fosse qual fosse o modêlo, conto popular ou literário, devemos dizer de Gil Vicente o que Stapfer disse de Rabelais: «il reste à tout le moins au modèle l'insigne honneur de lui avoir servi».